



Chega a fazer, sem reclamar, duas sessões de fisioterapia em um mesmo dia. Durante meses a fio, submeteu-se também à acupuntura, de que recentemente desistiu. Segue metodicamente, ainda, uma dieta alimentar. Conhece de cor os horários dos medicamentos. Está inteiramente concentrado em si — o que reflete a potência das duas narrativas que escreve. “Sou facilmente adaptável às situações”, diz, replicando, à sua maneira, a ideia de Adélia Prado a respeito das mulheres que, segundo a poeta de Divinópolis, são seres “desdobráveis”. Carrero também se desdobra, a um ponto em que chega a se assombrar com a própria disciplina. Sempre foi um homem boêmio, de vida agitada e impulsos fortes. Um homem de arroubos, amante da noite, das obsessões e dos excessos — elementos, aliás, essenciais em sua escrita. Coisas que, agora, precisa domar. Ou, mudando as palavras: atravessar.

Recebe visitas diárias não só da família, mas dos alunos, que sempre considerou — numa corajosa lição de mestre — seus principais interlocutores. Afirma: “Não sou um homem supersticioso”. Ao contrário da maior parte dos escritores, que escondem como preciosos segredos os originais dos livros que estão a escrever, Carrero sempre teve o hábito de expor seus rascunhos ao debate aberto e sincero com os discípulos. Mestre, para ele, não é o que disciplina ou enquadra, mas o que dialoga e troca. “Falo com franqueza a respeito dos meus projetos e do que estou fazendo, nisso sou tranquilo”. Conversa abertamente, até mesmo,

a respeito dos projetos que ainda guarda só na cabeça. Planeja, por exemplo, escrever um romance de linhagem armorial — isto é, seguindo os preceitos de seu mestre e amigo Ariano Suassuna.

O movimento armorial tem como princípio a criação de uma arte erudita a partir de elementos populares. Surgiu nos anos 1970 e, ainda hoje, cria grande polêmica no meio intelectual. “Quero escrever um romance armorial para mostrar a vitalidade do movimento, que alguns acreditam ultrapassado.” O destino o dobrou, mas não lhe tirou a coragem.

Agora mesmo, em “Tangolomango”, romance que escreve aos trancos em seu laptop, a segunda parte é narrada por um personagem chamado Matias Villar. Ele é, simultaneamente, uma homenagem ao filósofo Matias Aires, considerado o primeiro filósofo brasileiro e autor, no século XVIII,

**Título de romance que está escrevendo, “Tangolomango”, não é invenção sua. Significa “festa”, “muvuca”, e foi retirado de livro de Lima Barreto**

das “Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens”; um pensador muito admirado por Ariano Suassuna e que teve grande influência na construção do ideário armorial. Longe de ser um nacionalista fanático, como os desafetos de Carrero poderão levemente imaginar, Matias também escreveu livros em francês e em latim, além de traduzir muitos clássicos latinos. O narrador Matias Villar é, ainda, uma homenagem ao próprio Ariano — que tem Aires como um dos sobrenomes de batismo.

Quanto ao título do livro, “Tangolomango”, trata-se de uma expressão brasileira que significa “confusão”, “festa”, “alegria”, “muvuca”. Carrero a encontrou, pela primeira vez, na leitura de “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”, o romance de Lima Barreto, quando o major, em um arroubo, diz que a dança brasileira é o tangolomango — na verdade, uma dança indígena. Os originais de seu romance já têm mais de 80 páginas de computador e Carrero neles trabalha diariamente.

A escrita, porém, é um intervalo na reconstrução de sua obra principal: o próprio corpo. “Hoje à tarde, caminhei pela quadra sem usar bengala”, me diz Carrero, cheio de entusiasmo. “O braço esquerdo ainda está lento, a perna esquerda se cansa muito rápido — meu lado esquerdo foi todo afetado. Mas começo a me recuperar!” Depois de entender que não sofreu um castigo dos céus, Carrero mudou, também, sua concepção do inferno. “O inferno não existe da forma que acreditamos”, explica. “Talvez exista apenas na consciência das pessoas que não conseguem se afastar da ideia de culpa.”

Ainda encontra forças para ir, duas vezes por semana, à Companhia Editora de Pernambuco — Cepe, onde é o editor do mensário “Pernambuco” e conta com a parceria do jovem jornalista Schneider Carpeggiani. O que faz nessas duas visitas semanais? O que mais poderia ser, senão escrever? Apesar da vida regrada, regida por uma agenda rígida, Carrero sabe que o escritor não pode dispensar certa dose de loucura. “Tangolomango”, por exemplo, tem como ponto de partida os célebres versos do poeta russo Maiakóvski: “Comigo a natureza enlouqueceu, sou todo coração”. O homem exuberante que pesava 105 quilos e, nos momentos extremos da doença, chegou aos 60, hoje ostenta equilibrados 70 quilos. Ainda é um pouco inquietante, um pouco surpreendente encontrar-se com esse “monge Carrero”, de vida regrada e reservada, que, no entanto, conserva no coração, como nos versos de Maiakóvski, sua dose essencial de loucura e de agonia. ■